

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - UFPR
FLAVIA ALVES CORREIA

ESTÉTICA EM SALA DE AULA

CURITIBA
2015

FLAVIA ALVES CORREIA

ESTÉTICA EM SALA DE AULA

Artigo apresentado como requisito parcial à obtenção de
Título do Curso de Especialização em Ensino da
Filosofia no Ensino Médio.

Orientadora: Professora Aline Dias

CURITIBA

2015

AGRADECIMENTOS

À minha família, que me respondeu todas as vezes que pedi algo, mesmo que a resposta tenha sido “não”.

À professora Rosemeri, minha colega de trabalho, e aos mestres da UFPR, em especial ao professor Noronha e a professora Aline Dias, que me incentivaram a elaborar esse trabalho.

A todos os professores, que me passaram um pouco do seu conhecimento, necessário para que eu chegasse até aqui.

A todos aqueles que me ajudaram, de uma maneira ou de outra, a chegar aqui,

O meu sincero agradecimento.

Eu jamais iria para a fogueira por uma opinião minha, afinal, não tenho certeza alguma. Porém, eu iria pelo direito de ter e mudar de opinião, quantas vezes eu quisesse.

Friedrich Wilhelm Nietzsche

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo descobrir como abordar e aprofundar o tema 'estética em sala de aula'. Com o intuito de conseguir a solução para esse problema, será necessário conceituar estética, relacionar a pessoa com a estética, definir sociedade, conceituar valores, apontar o sentido de estética na sala de aula, definir o que é o belo. Para atingir esse objetivo, foi elaborada uma pesquisa bibliográfica, com autores da área da filosofia, em especial os que tratam sobre a estética.

Palavras-chave: estética, ensino médio, filosofia no ensino médio

ABSTRACT

This study aims to find out how to approach and deepen the theme 'aesthetics in the classroom'. In order to achieve the solution to this problem, it is need to conceptualize aesthetics, relate the person with the aesthetic, define society, conceptualize values, point the aesthetic sense in the classroom, to define what is beautiful. To achieve this goal, a bibliographic research was developed with authors in the field of philosophy, especially those that deal with aesthetics.

Key-words: aesthetics, high school, philosophy in high school

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. CAPÍTULO I: CONCEITO DE ESTÉTICA EM FILOSOFIA.....	11
2.1 A ESTÉTICA.....	13
2.1.1 A ESTÉTICA E O HOMEM.....	14
2.2 A ESTÉTICA E A SOCIEDADE	17
2.2.1 A ESTÉTICA E OS VALORES.....	24
3. CAPÍTULO II: A ESTÉTICA, O AMOR E A SABEDORIA.....	29
3.1 O SENTIDO DA ESTÉTICA NA SALA DE AULA.....	34
4. CAPÍTULO III: CONHECENDO O HOMEM ATRAVÉS DO BELO.....	37
4.1 A MOTIVAÇÃO PELA BUSCA DO BELO.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

1. INTRODUÇÃO

A estética surgiu como disciplina quando a arte e a natureza ainda eram fontes privilegiadas de sabedoria e conhecimento ético. Esse horizonte, no entanto, mudou nos últimos duzentos anos, com a afirmação do pensamento científico e tecnológico.

Nos dias atuais, não se percebe muita ênfase nas explicações sobre os conceitos de estética aos estudantes. Assim, o tema 'Estética em sala de aula' é interessante pois, mesmo sendo um assunto antigo, ele ainda é pouco aprofundado. Seguindo esse raciocínio, a filosofia tem como função aprofundá-lo, uma vez que estética é uma das ramificações dessa ciência.

Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo descobrir como abordar e aprofundar o tema 'estética em sala de aula'. Com o intuito de conseguir a solução para esse problema, será necessário conceituar estética, relacionar a pessoa com a estética, definir sociedade, conceituar valores, apontar o sentido de estética na sala de aula, definir o que é o belo.

Para atingir esse objetivo, foi elaborada uma pesquisa bibliográfica, com autores da área da filosofia, em especial os que tratam sobre a estética.

Começando pela etimologia da palavra, segundo Russ (199, p. 94), estética é um substantivo feminino, cuja etimologia vem do "grego *aisthetikos*, que pode ser percebido pelos sentidos", ou seja, com o significado de faculdade do sentir ou compreensão pelos sentidos.

Embora o sentido moderno da estética date apenas do século XVIII, "há vinte anos apenas, a palavra 'estética', usada para designar a reflexão filosófica sobre a arte, apresentava-se prematuramente envelhecida", pois parecia antiquada e prestes a desaparecer. (JIMENEZ, 2004, p. 9)

Perguntas como "O que é estético?", ou "O que é a estética?", se colocam hoje de maneira particularmente aguda. Pelo fato de existir uma demanda crescente de preocupações filosóficas em relação à estética, é possível entender a busca pelo que é estético.

A preocupação em responder com urgência a essas questões faz da estética um tema contemporâneo.

Quando pensamos em modelo de beleza hoje, a maneira como a estética se relaciona com o ser humano é por vezes extremista.

Falar de estética requer conhecimento de correntes filosóficas, tais como empirismo e helenismo. As artes, desde a antiguidade, são a música, a dança, a escultura, o teatro, a literatura e a pintura. No século XIX surgiu o cinema, que ficou conhecido como a sétima arte.

Se realmente existir uma forma de explicar “o que é belo”, o conhecimento das artes pode ser a melhor forma para tentar responder à questão.

Usar essa abordagem em sala de aula é a chave para abrir caminho para um diálogo, que despertará nos alunos muito mais que o interesse em saber a definição de estética e belo.

Alguns motivos levam a modular o exercício da razão quando pensamos na estética e suas origens. A questão estética é uma das dominantes nos tempos modernos. No sentido de conhecimento e mesmo de sensibilidade, ela exprime preocupação com o acesso ao belo, ao correto e à vontade de independência.

Em se tratando de sensibilidade, Jolivet fala sobre a emoção estética, que possui alguns elementos possíveis de se distinguir: a satisfação, a admiração e a simpatia.

No tocante à satisfação, as coisas belas “são fonte de prazer”. Mas o autor argumenta que a palavra prazer tem demasiada significação sensível para estar perfeitamente adequada. Para ele, o termo satisfação tem algo mais espiritual (sem excluir o elemento sensível presente no sentimento estético) e define melhor “esta emoção tão particular e suscetível de uma tal intensidade que nasce da percepção da beleza.” Na emoção estética é possível também discernir

[...] o traço de uma certa tristeza, que provém do sentimento do que há de precário, de frágil, de transitório na beleza finita. [...] Na emoção estética é manifesta a impressão de que a beleza sensível está submetida às condições de corrupção e dissolução da matéria em que ela se acha realizada.

Quanto à admiração, o autor afirma que as coisas belas provocam espanto e respeito, isto é, admiração. Espanto por comportarem uma

[...] perfeição inesperada, de visão original e penetrante, de associações singulares, de combinações audaciosas. Inspiram uma espécie de respeito sagrado, pela revelação que trazem do mundo secreto das formas e, sobretudo, pela manifestação do poder que exercem sobre a inteligência humana. O homem se sente subjugado pela beleza e reverencia nela uma força espiritual. Daí se segue que se tenha podido falar de “religião da arte” [...], já que certas belezas produzem efeitos do que é sagrado. [...] Mas a arte não pode ser uma religião, e se a beleza merece nossas homenagens, é como reflexo da Beleza Infinita, princípio de toda beleza finita.

Em se tratando de simpatia, para o autor, “o sentimento estético aparece como eminentemente social”, sendo “fator de simpatia ou de gozo em comum”, pois quem goza da beleza

[...] aspira a comunicar a outro sua emoção, a compartilhar sua admiração. A beleza consegue realmente fazer vibrar as almas em uníssono, criar uma espécie de unidade espiritual, em virtude justamente de seu caráter gratuito. A beleza, como tal, está além das causas de diversões e de conflitos.

Então, vamos falar de arte e gostos. Quando se pensa em gosto, dentro da estética, percebe-se que pessoas mais radicais discordam da teoria de que somente o belo é estético. Aranha; Martins (1992, p. 188) citam que, para alguns, “em museu só tem velharia”, para outros, a arte moderna não é bela ou não faz sentido: “Esses caras fazem uns rabiscos, uns borrões e dizem que é arte moderna. E as esculturas? Amarram uns arames e ganham prêmios”.

Para falar sobre o belo, as autoras afirmam (p. 200) que Platão (século IV a.C.), iniciou na Grécia uma tradição, seguida por alguns filósofos, que defendia a existência do “belo em si”, pelo qual existiria “um ideal universal de beleza que seria o padrão a ser seguido. As qualidades que tornam um objeto belo estão no próprio objeto e independem do sujeito que as percebe”.

Por outro lado, filósofos empiristas, como David Hume (século XVIII), relativizavam a beleza, reduzindo-a ao gosto de cada um, afirmando que “aquilo que depende do gosto e da opinião pessoal não pode ser discutido racionalmente, donde o ditado: ‘Gosto não se discute’”.

Também no século XVIII, Kant tentou resolver o impasse entre objetividade e subjetividade, afirmando que “o belo é ‘aquilo que agrada universalmente, ainda

que não se possa justificá-lo intelectualmente’.” Kant defendia que “o objeto belo é uma ocasião de prazer, cuja *causa* reside no sujeito”. Nesse sentido, as autoras afirmam que “o belo é uma qualidade que atribuímos aos objetos para exprimir um certo estado da nossa subjetividade, não havendo, portanto, uma ideia de belo nem regras para produzi-lo. Existem objetos belos que se tornam modelos exemplares e inimitáveis”.

As autoras também citam Hegel (século XIX), que introduziu o conceito de história, uma vez que “a beleza muda de face e de aspecto através dos tempos”. Tal mudança depende da cultura e da visão de mundo presentes em determinada época.

Assim, elas afirmam que

Hoje em dia consideramos o belo como uma qualidade de certos objetos singulares que nos são dados à percepção. Beleza é, também, a imanência total de um sentido ao sensível, ou seja, a existência de um sentido absolutamente inseparável do sensível. O objeto é belo porque realiza o seu destino, é autêntico, é verdadeiramente segundo o seu modo de ser, isto é, é um objeto singular, sensível, que carrega um significado que só pode ser percebido na experiência estética. Não existe mais a ideia de um único valor estético a partir do qual julgamos todas as obras. Cada objeto singular estabelece seu próprio tipo de beleza.

Citando o feio, segundo Aranha; Martins, o seu problema “está contido nas colocações que são feitas sobre o belo. Por princípio, o feio não pode ser objeto de arte”.

Para as autoras, “só haverá obras feias se forem malfeitas, isto é, se não corresponderem plenamente à sua proposta. Em outras palavras, quando houver uma obra feia, [...] não haverá uma obra de arte”.

Por esse raciocínio, as autoras afirmam que “a questão do gosto não pode ser encarada como uma preferência arbitrária e imperiosa da nossa subjetividade”. Nosso gosto pode ser educado frente a um objeto estético se a subjetividade estiver mais interessada em *conhecer* que em *preferir*. Assim, “ter gosto é ter capacidade de julgamento sem preconceitos”. Precisamos ampliar nosso gosto deixando de nos limitar às obras que já conhecemos. As autoras citam Mikel Dufrenne, filósofo francês contemporâneo, que afirma que

“a obra de arte ‘convida a subjetividade a se constituir como olhar puro, livre abertura para o objeto, e o conteúdo particular a se pôr a serviço da compreensão em lugar de ofusca-la fazendo prevalecer as suas inclinações. À medida que o sujeito exerce a aptidão de se abrir, desenvolve a aptidão de compreender [...] Gosto é, finalmente, comunicação com a obra para além de todo saber e de toda técnica. O poder de fazer justiça ao objeto estético é a via da universalidade do julgamento do gosto”.

Logo, o espírito que dá vida à estética, nada mais é que o constituir das épocas, no irreparável desenvolvimento do termo dentro de cada história.

Geralmente quando se ouve o termo estética, ele é associado à beleza ou a lugares onde ela se reproduz, como forma de melhorar a realidade. É comum pensar na beleza como algo normal e de fácil aquisição. Contudo, na filosofia, a estética não é a área que se baseia em juízos particulares, não se resumindo apenas àquilo que ouvimos falar, mas em conceitos que vieram junto com a história.

A questão da universalização do belo é a grande discussão para sala de aula, de maneira racional, mas sem deixar de ser sensível, de contribuir para que os alunos possam pensar em questões como ‘O que é realmente estético?’ ou ‘O que é belo?’ A estética tem variantes e diretrizes, ainda, desconhecidas na sala de aula. É necessário se tornar um hábito estudar racionalmente a estética, o que significa se ocupar do que desperta a contemplação e a emoção. Trabalhar o conceito de belo ou feio em sala de aula é ir além do que nos é permitido no mundo das sensações.

Faz-se necessário conhecer o sensível e o real para poder compreender o que é estética, que deve ser vista, a partir da filosofia, com olhos mais racionais.

2. CAPÍTULO I

CONCEITO DE ESTÉTICA EM FILOSOFIA

O conceito de estética em filosofia é grandemente enfrentado pela própria filosofia, quando a transformação e a comparação levam até a natureza do objeto. Porém a etimologia do termo é o primeiro passo.

Russ (1991, p. 94) aponta, nas definições gerais, a etimologia da palavra Estética como algo “que pode ser percebido pelos sentidos”, que diz respeito à beleza ou ao belo, o juízo estético que designa um juízo de apreciação. Cita, em definições particulares, filósofos como Baumgarten, Kant e Hegel:

1. Baumgarten: “Ciência do conhecimento sensível ou gnoseologia inferior”.
2. Kant: “O juízo de gosto é um juízo estético, isto é, um juízo que se baseia em fundamentos subjetivos e cujo motivo determinante não pode ser um conceito nem, por conseguinte, o conceito de um fim determinado”.
3. Hegel: “A estética tem por objeto o vasto império do belo [...] e, para empregar a expressão que melhor convém a esta ciência, é a *filosofia da arte* ou, mais precisamente, a *filosofia das belas-artes*”.

Martins; Arruda (2009, p. 401) assim definem: “Estética. Do grego *aisthesis*, significa ‘faculdade de sentir’, ‘compreensão pelos sentidos’, ‘percepção totalizante’.

Antunes; Estanqueiro; Vidigal, no seu Dicionário Breve de Filosofia p. 67), conceituam o vocábulo estética e descrevem a sua evolução, as suas variações, apontando como alguns filósofos a percebiam ou definiam:

1. Filosofia da arte. Estudo sistemático do belo, da experiência estética e das diferentes formas de arte.
2. Em Sócrates e Platão, encontramos uma teoria idealista da arte.
3. Aristóteles desenvolveu uma teoria do belo cujas características são a simetria e a precisão.
4. Na Idade Média, procedeu-se à conciliação do sentimento do belo com o absoluto.
5. Kant, no século XVIII, dá um novo impulso ao estudo da estética na sua obra *Crítica do Juízo*. Para ele, a estética é uma crítica do gosto. O juízo do gosto não é um juízo do conhecimento, não é lógico, mas estético. O seu princípio determinante só pode ser subjetivo.

6. Para Hegel, a arte é o mais subjetivo desenvolvimento do espírito, a partir do real. Ela é a revelação do absoluto na forma de intuição. As suas formas históricas representam, cada uma a seu modo, momentos desse desenvolvimento.

7. Contemporaneamente, a estética parece ter renunciado à normatividade. Caracteriza-se pela existência de correntes diferentes e de diversas teorias sobre a arte e a criação artística.

A autora também conceitua o termo estética como um adjetivo: “que diz respeito à beleza ou ao belo; o juízo estético designa um juízo de apreciação sobre o belo” e como substantivo: “ciência ou teoria do belo; filosofia ou teoria da arte”.

Russ situa um tempo histórico para o surgimento do termo ‘estética’, no seu Dicionário de Filosofia (1991, p. 94) quando afirma que, na Antiguidade grega, Platão já formulava uma teoria do belo e da arte, mas que o termo *estética*, conforme Baumgarten, data da metade do século XVIII, e mais tarde foi ilustrado brilhantemente por Kant e Hegel.

Aranha; Martins (2009, p. 401), também colocam a estética em um tempo histórico, ao afirmarem que,

Embora a arte faça parte do mundo humano desde a Pré-história e tenha ocupado lugar de grande importância em todas as civilizações, a palavra estética só foi introduzida no vocabulário filosófico em 1750 pelo filósofo alemão Alexander Baumgarten.

Corroborando as afirmações de Russ e Arruda; Martins, sobre o termo estética, Barilli também afirma que o conceito de estética, tendo sua origem no conhecimento ou na experiência com o sensível e a forma, não é contemporâneo.

Segundo o autor (p. 29), “já muito antes, muitos filósofos, escritores, ensaístas do séc. XVIII tinham desenvolvido desmedidamente o âmbito das práticas estéticas não técnicas, pré-artísticas, destinadas a analisar mais o “sentir” do que o fabricar obras”.

Para Jimenez (1999, p. 21), o sentido de estética é muito diversificado. Conforme afirma,

Essa diversificação torna pouco pertinente uma cronologia que apresentasse a evolução da estética sob a forma mais ou menos linear de

uma sucessão de teorias, de sistemas ou de descobertas, como pode ser feita no domínio da história das ciências e das técnicas.

Sendo assim, dentro da questão filosófica, o conceito de estética muda de acordo com a época, o que pode gerar um conflito, que forma a ruptura com o intelectual.

2.1 A ESTÉTICA

Apesar de não ser velha, em termos históricos, por ser datada do século XVIII, segundo Jimenez (1999, p. 9), “há vinte anos apenas, a palavra ‘estética’, usada para designar a reflexão filosófica sobre a arte, apresentava-se prematuramente envelhecida”. Porém, o autor ressalta que alguns filósofos, com bom humor, declararam que, “embora seu sentido moderno date do séc. XVIII, [...] até a metade do século XX, a estética revelou-se como um insucesso brilhante e repleto de resultados”. Isso se deve, certamente, aos vários significados da palavra, mas também do objeto da estética, a arte, por levantar numerosas contradições. O autor aponta como uma dessas contradições, o ensino da estética, “disciplina que consta do programa de filosofia do último ano do segundo grau, mas cujo estudo é frequentemente relegado para o final do ano escolar, ‘caso houver tempo’”.

Ainda segundo o autor,

[...] a estética, enquanto disciplina em si mesma, tem a autoridade de refletir sobre a arte e sobre as obras, forjando um universo conceitual constitutivo de um saber. [...] A estética herda a ambiguidade da arte, atividade ao mesmo tempo racional, que supõe materiais, instrumentos, um projeto, e irracional, na medida em que permanece afastada das tarefas cotidianas que ocupam a maior parte de nossa existência.

Não há como negar que, ao longo do tempo, a estética sofreu descréditos. Segundo Barilli (1994, p. 17),

Da estética, portanto, como de qualquer outro objeto cultural, é possível estabelecer, com maior ou menor aproximação, a data em que é instituída, e prever que, tal como foi ‘colocada’ por nós, do mesmo modo poderá ser abolida.

Se justificaram o termo estética, e sua sobrevivência, em sua forma exclusiva de representar, é porque, sem dúvida, venceu a ideia ligada ao sentir. No movimento estético, temos a solidariedade da arte, que sofisticava o elevado e o nobre, mas que praticamente aterroriza o que passa longe do que não corresponde ao estético. Segundo Rosenfield,

Hegel (1770-1831) trata da arte da beleza como um fenômeno histórico e como articulação lógica do espírito. A estética de Hegel não é a simples aplicação prática da teoria estética.

A estética dentro do pensamento de Hegel tem que o efeito dos séculos mediante o movimento do belo só se aperfeiçoou; o espírito é mesmo fundamental para o conceito de estética, pois o belo depende muito de onde se olha. Hoje ainda temos a mesma arte, porém a vemos através de um outro prisma e de novas experiências. A estética nos mostra o belo e o aproxima de quem o vê, sente e aprecia.

2.1.1 A ESTÉTICA E O HOMEM

Cotrim; Parisi (1993) defendem que a educação grega buscava aprimorar o homem, tanto no conhecimento quanto na aparência física. Eles afirmam que a base da doutrina de Pitágoras está contida na frase “O homem é a medida de todas as coisas”. Segundo os autores (1993, p. 101),

A educação tinha como meta o aprimoramento do homem; fazê-lo libertar as suas potencialidades, torná-lo consciente de toda a sua grandeza. Ele era a medida de todas as coisas e por isso deveria orgulhar-se de si mesmo, de sua mente e do seu corpo. A escultura grega mostra bem esta exaltação do homem, apresentando-o nu, valorizando as suas formas atléticas. O homem não se envergonhava de seu corpo, como na Idade Média; pelo contrário, sua nudez não o desprotegia, porque o dignificava em sua beleza.

Segundo Rosenfield (2006, p.42), “o homem retorna a si mesmo, reconhecendo-se no outro. A natureza e a sensibilidade recebem sua relevância tão somente graças ao trabalho espiritual da arte”.

Pensar nas ideias que o belo e o artístico nos trazem à mente é estético, é a medida que mede a estética. O homem e a estética consistem essencialmente da reta noção do fazer e admirar, isto pela função da utilidade de preencher o vazio da ideia. Rosenfield se refere à impressão, que se trata de uma espécie de melodia que regula a matéria sensível, a matéria presa na encarnação da arte.

A estética é a “Filosofia da Arte”. Segundo Aranha; Martins (1992, p. 188), a arte é uma forma de o homem marcar sua presença. Ele consegue isso “criando objetos [...] que oferecem uma interpretação do mundo tanto quanto uma frase. Só que em vez de dizer *as coisas são assim*, ele mostra, através da sua criação, que *as coisas podem ser assim*”.

É possível que o homem tenha encarnado a arte e, pela sua natureza, absorvido a beleza como um acréscimo à inteligência emocional, quando se tem a reta noção da obra no princípio da inteligência. As questões que envolvem o homem e a estética são como uma divisão da vida com a arte, tendo a função de determinar o além do que está próximo. Segundo Jolivet (1982, p. 338), “as belas artes têm por fim a produção do belo. Temos, pois, agora, que perguntar o que é o belo, e o que é o sentimento do belo”.

Segundo FLORIDO, Janice, Tomás de Aquino, nos dá uma resposta para esta questão ao definir o belo como “*id quod visum placet*, o que agrada ver”.

O santo fala sobre a individualidade do homem e a multiplicidade da forma. Segundo ele (2004, p. 162),

É impossível atribuir a mais de um aquilo que individualiza a essência comum. Por conseguinte, embora possa haver muitos homens, é impossível que deste homem concreto possa existir mais do que um exemplar. Se, porém, a essência é individualizada por si mesma e não por algo diferente, é impossível atribuí-la a mais de um indivíduo. [...] Há uma dupla maneira pela qual uma forma pode ser múltipla: uma é pelas diferenças, como a cor em diversas variantes da mesma; a outra é pelo sujeito, como a brancura. Por conseguinte, toda forma que não pode ser multiplicada através de diferenças, se não for uma forma existente no sujeito, não pode ser multiplicada. Assim, por exemplo, a brancura, se não se concretizar num

sujeito, será necessariamente uma só. Acontece que a essência divina é o próprio ser, o qual não comporta diferenças.

O homem tem o acesso ao belo e ao estético através dos sentidos e da própria vida. Na ideia de matéria, o homem é o que está mais próximo dos elementos essenciais para o que é necessário ao estético. Agradar aos olhos é uma condição estética, encarnada na satisfação humana, porém com efeito do imperfeito, em condições opostas à percepção da razão. A integridade estética, em relação ao objeto apreciado, propõe uma necessidade artística, que seguramente confunde e perturba o homem. A emoção da estética é complexa, pois se distinguem elementos dentro do sentimento estético, sendo assim suscetível à percepção, quando é possível discernir o belo e o não belo na estética. Ora, toda beleza merece manifestação e admiração, mas o belo é particular, pois depende do gosto.

“A coisa bela requer ser vista como tal e o produto artístico é feito em função de uma visão: pressupõe a experiência visual subjetiva de um espectador.” (ECO, 2012, p. 155)

Jolivet (1982, p. 338), ao falar do homem em relação ao belo, aponta que

A beleza é objeto de inteligência ou de conhecimento intuitivo, enquanto resulta de condições que não são acessíveis senão à inteligência. Essas condições são: a integridade do objeto, a proporção ou unidade na variedade, enfim, a clareza ou resplendor da inteligibilidade.

O autor afirma que “a beleza sensível é acessível aos sentidos e os põe num estado de bem-estar e de satisfação” e que isso acontece “por causa das condições da arte, que é a encarnação de uma ideia em uma matéria”, e “dos sentidos do homem penetrados pela razão, por causa da unidade do composto humano”. Segundo o autor, se a inteligência humana não interviesse, “não haveria mais percepção propriamente dita da beleza, uma vez que toda percepção da beleza supõe um juízo (implícito), que é obra apenas da inteligência”.

2.2 A ESTÉTICA NA SOCIEDADE

Segundo Russ (1991, p. 276), no sentido concreto e amplo Sociedade é “o conjunto organizado de indivíduos, que têm relações determinadas, unidos por serviços recíprocos.”

Jimenez (1999, p. 234), ao falar sobre Marx ou a infância da arte, afirma que

A cada uma das sociedades correspondem formas artísticas particulares em relação com seu nível de desenvolvimento: as pirâmides no Egito antigo, a estatuária e a poesia épica na Grécia, as catedrais na Idade Média, etc. uma arte que surge numa determinada época pode assim agradar aos contemporâneos e não satisfazer a seus sucessores. Não se trata apenas de um problema de gosto: as condições materiais de produção mudaram, trazendo uma modificação das formas de representação, das ideias, dos mitos, dos usos e costumes e também, justamente, do gosto.

O autor diz que Marx tomou consciência de que a arte é uma exceção à concordância entre a produção intelectual de uma sociedade e o seu estágio econômico e social, pois ao redigir a sua *Introdução à crítica da economia política*, um dos pontos do seu plano é “a relação desigual entre o desenvolvimento da produção material e o da produção artística”. Ele tenta resolver esta incoerência em duas páginas: considera que “certas épocas de floração artística absolutamente não têm relação com a evolução geral da sociedade nem, portanto, com o desenvolvimento de sua base material”. Em outras palavras:

Os gregos produziram obras-primas, tragédias, epopeias, bustos, monumentos que o estágio de evolução de sua sociedade – inferior ao da sociedade moderna – não devia logicamente permitir. Se conseguiram fazê-lo é porque dispunham de uma mitologia, da natureza e das formas sociais, transfiguradas em arte pela imaginação dos artistas. Daí sua superioridade sobre a arte egípcia: “A mitologia egípcia nunca teria podido ser o solo, o seio materno que pudesse ter produzido a arte grega”. Mas é claro, em compensação, que a mitologia grega não poderia ser uma fonte de inspiração na época dos teares, das locomotivas e dos telégrafos.

Segundo Jimenez (1999, p. 237),

Marx espanta-se com o fato de formas antigas ligadas a sociedades arcaicas comoverem ainda as sociedades modernas. Como não vai além da estética hegeliana, julga surpreendente que formas e gêneros artísticos, a epopeia, a estatutária, etc., possam, contudo, continuar a expressar conteúdos diferentes, visto que são produzidos por grupos sociais diversamente evoluídos.

O autor afirma que “a estética de Marx cedeu rapidamente lugar a numerosas estéticas marxistas”, teorias que “alimentaram a maioria das grandes controvérsias artísticas do século XX que se interessam pelas relações entre a arte, a sociedade e a política”.

Ainda sobre como a sociedade interfere na vida do homem, Jimenez também cita Schopenhauer, que trabalhou dois temas que conseguiram chamar a atenção de Nietzsche: a vontade e o pessimismo. A vontade, para Schopenhauer, é “uma categoria metafísica e ontológica: ela é a essência das coisas. [...] e é, pois, universal, eterna, imutável e livre”. Para ele, a vontade se exprime no mundo e no homem pela vontade de viver. Mas, em vez de encontrar otimismo na vontade de viver, ele conseguiu chegar à conclusão contrária: a de que o homem conhece a vontade, mas a vontade nada conhece. Ela é livre, mas cega. Schopenhauer afirma que “A vontade, que constitui nosso ser em si, é de natureza simples: ela não faz outra coisa a não ser querer, e não conhece”. Assim, o homem leva uma vida desprovida de significação. Nossos desejos, paixões e emoções só têm sentido após a morte. Eles sobrevivem a nós, independentemente da pobre existência que tivemos.

Com o seu ‘pessimismo’, Schopenhauer diz que até o suicídio é contraditório, pois prova, negativamente, a força da vontade de viver. Jimenez afirma que a filosofia da arte ou ‘metafísica do belo’ é deduzida de considerações desiludidas sobre a existência:

Schopenhauer é platônico. Crê na teoria das Ideias expostas pelo autor do *Banquete* visto que a vida é um abismo de infelicidades e de sofrimentos, a contemplação das Ideias, graças à arte, não poderia ser um remédio e uma consolação para os males da existência? Consolação provisória, é claro,

mas suficiente para trazer-nos um gozo muitíssimo superior ao simples prazer estético; um gozo que supera tormentos e desejos e nos reconcilia, durante algum tempo, com a essência do mundo, com a vontade. De todas as artes, somente a música permite alcançar este estado contemplativo absoluto, pois ela é a mais material e a menos ligada ao mundo sensível. Em outras palavras, ela é a mais próxima do mundo das Ideias. Em compensação, as outras artes, arquitetura, escultura, pintura, tragédia, simples cópias, permanecem ligadas à reprodução da realidade.

Richard Wagner também teve um papel importante nessa época, pois quando compôs *Anel dos Nibelungen*, pensava em Schopenhauer e a ele dedicou uma parte do libreto da ópera. Nietzsche era wagneriano quando encontrou o compositor pela primeira vez. O filósofo se afeiçoou ao compositor, chamava-o de “homem fabuloso”, via nele “a mais viva ilustração do que Schopenhauer chamava gênio”. Jimenez afirma que a obra “*O nascimento da tragédia* é o testemunho desse encontro intelectual, filosófico e artístico entre Schopenhauer, Wagner e Nietzsche ao redor do significado estético e político da música”.

Na obra, Nietzsche alude a um “autêntico e grave problema alemão”, sabido como a situação política, moral e cultural da Alemanha logo após a vitória sobre a França. Ele coloca uma questão importante: se a vitória das armas significaria uma vitória da cultura.

O elo com a estética encontra-se em Wagner, pois Nietzsche crê no poder regenerador da música wagneriana, ao pensar que a *tetralogia* permitiria ouvir novamente a “flauta de Dioniso”. Ele espera que o drama wagneriano sobre o espírito trágico dos gregos anterior à sua própria decadência, mas se desengana, pois os espectadores da Tetralogia não são gregos ressuscitados, mas alemães que ainda não “superaram” a vitória sobre a França. Assim, Nietzsche se desencanta com o compositor e começa a se queixar de Wagner.

Segundo Jimenez (1999, p. 277), Baudelaire conhecia os escândalos, defendia as dissonâncias de uma vida bela e efêmera e as discordâncias repetidas da arte moderna. Contrariando Michelet, que afirmara que “Não criamos mais, a história matou a arte”, Baudelaire demonstrou o contrário, “que a arte viva, fênix inapreensível, que morre e renasce ao longo das modas, está matando a história, [...] aniquilando a sua imagem à antiga elaborada durante séculos sob os auspícios de Platão e de Aristóteles”.

Jimenez afirma que

Aqui neste “transitório” e neste “fugitivo” que, em sua opinião, caracterizam a época moderna, residem as inumeráveis rupturas que conferem, provisoriamente, uma coerência original à modernidade. A beleza não define somente por sua tendência para o eterno ou o imutável, ela surge a qualquer momento da realidade mais prosaica do mundo presente

Baudelaire é considerado o primeiro a ter definido e experimentado a modernidade em sua criação poética por sua “sensibilidade às rupturas com as convenções acadêmicas, com a grande burguesia negociante, com o poder econômico e político que exige a submissão da ordem estética à ordem estabelecida”.

Como uma máquina de calcular, é calculado friamente, a beleza, como a verdadeira estética, mas se passarmos pelo fundamento da história da arte, lá veremos, o quanto é variável o conceito de estética, quando se referem ao belo. Todavia os impressionistas se orientam pelo modismo, e seguem, sem se orientar pela ciência, pois, é, o conhecimento que coloca a estética a favor do homem, e não ao contrário.

Jimenez (1999, p. 279) afirma que

[...] pouquíssimos artistas ou escritores mostram uma durável lucidez quanto ao futuro da arte moderna, sobretudo quando são substituídos por seus sucessores: O impressionismo deixa Corot cético; Theophile Gautier vê em Monet somente manchas de cores justapostas; aos olhos de Cézanne, Van Gogh realiza apenas uma pintura de louco, e Zola só vê em Cézanne seu “gênio fracassado”, sem medir a importância daquele que já trata a natureza através do cilindro, da esfera e do cone.

Todas essas ofensas à hierarquia política e social, ao academismo, à ordem estabelecida, à moral, às conveniências burguesas têm um sentido: os pintores saem da cena plástica delimitada pelo Quattrocento assim como a música romântica e pós-romântica abandona o universo sonoro do *Cravo em temperado*.

Presente na sociedade e na cultura, a estética, tem impressionado a todos, e também ensinado a muitos, sobre conceitos de beleza e padrões de beleza. Vemos

hoje na sociedade a mutação contínua e a busca exagerada pela perfeição e nos esquecemos do real sentido que a estética representa. Há indivíduos que chegam ao prazer ao presenciar uma obra de arte, A estética, no geral, é inspiradora, provoca emoção, que é algo particular, pois pode ser positiva ou negativa, atrair ou causar repulsa. A estética desconcerta a crítica e espanta o público quando realiza rupturas nos paradigmas criados. E as rupturas dão uma coerência original à modernidade.

A estética entrou nas culturas através das artes, e vem mostrando a beleza de maneiras diversas, uma vez que cada cultura tem sua proposta de possibilidades estéticas.

O nome estética se enquadra em um ramo da filosofia pelo fato de despertar sentimentos nos seres humanos.

Segundo Aranha; Martins, a experiência do belo é gratuita, desinteressada, não visa a um interesse prático imediato.

Para as autoras, a experiência estética “não visa ao conhecimento lógico, medido em termos de verdade; não tem como alvo a ação imediata; e não pode ser julgada em termos de utilidade para determinado fim”.

Elas afirmam que “a experiência estética é a experiência da presença tanto do objeto estético como do sujeito que o percebe”.

Assim, “a obra de arte [...] pede uma recepção justa, que se abra para ela e ao mesmo tempo não lhe imponha normas externas”. “Nenhum argumento racional ou conjunto de regras poderá nos convencer de que um objeto é belo se não pudermos percebê-lo por nós mesmos, se não estivermos frente a frente com ele”.

Portanto, segundo as autoras (2009, p. 404),

Apreciar as qualidades estéticas de uma obra de arte, é bem diferente de notar suas propriedades físicas: tamanho, peso, material de que é feito. Seu valor econômico, de troca, também não entra em consideração na apreciação estética.

A estética na sociedade não é uma simples aglomeração de coisas belas e estéticas, mas sim, um estado de contribuição para com a cultura e a educação. Não podemos definir a indústria que faz este papel como modelo a ser seguido, mas podemos, através dela, ter uma direção e uma divisão do que realmente é estética

na sociedade, e qual o seu verdadeiro papel na arte contemporânea e na própria vida. A demonstração da sociedade em relação à estética é de conceitos e fundação autônoma ou autofundação, porém a formação de contradições na sociedade, a respeito da beleza, tem sido efetivamente deduzida por conceitos puramente não lógicos.

Segundo JIMENEZ, Marc (1999, p. 278),

Aqui neste “transitório” e neste “fugitivo” que, em sua opinião, caracterizam a época moderna, residem as inumeráveis rupturas que conferem, provisoriamente, uma coerência original à modernidade. A beleza não define somente por sua tendência para o eterno ou o imutável.

Presente na sociedade e na cultura, a estética tem impressionado a todos, e também ensinado à muitos, sobre conceitos de beleza e padrões de beleza. Vemos hoje na sociedade a mutação continua e a busca exagerada da perfeição, e nos esquecemos do real sentido que este enigma estética representa. Mas o enigma do qual falamos tem sua função e espaço na sociedade presente: temos indivíduos que chegam ao prazer ao presenciar uma obra de arte. A estética, no geral, é inspiradora, a emoção é particular, positiva ou negativa, de atração ou repulsão. A estética desconcerta a crítica e choca o público, quando, realiza rupturas nas relações e os paradigmas criados para manter as relação dos homens.

Segundo Aranha; Martins (2009, p. 33),

Embora a arte faça parte do mundo humano desde a Pré-história e tenha ocupado lugar de grande importância em todas as civilizações, a palavra estética só foi introduzida no vocabulário filosófico em 1750 pelo filósofo alemão Alexander Baumgarten.

A estética entrou nas culturas através das artes, e vem dando continuidade a beleza, de maneiras diversas, uma vez que cada cultura tem sua proposta de possibilidades estéticas, para poder avaliar a representação do belo. Por isso, o nome estética, se enquadra em um ramo da filosofia, pelo fato de despertar sentimentos nos seres humanos.

Ao estudar a estética na sociedade, encontramos, e podemos constatar os valores estéticos, que vão além da beleza, e começa a produzir o belo, principalmente quando a experiência artística determina valores na beleza.

Segundo Aranha; Martins (2009, p. 404),

Apreciar as qualidades estéticas de uma obra de arte, é bem diferente de notar suas propriedades físicas: tamanho, peso, material de que é feito. Seu valor econômico, de troca, também não entra em consideração na apreciação estética.

Assim, segundo Aranha; Martins, a experiência de sociedade com a estética ainda está na superfície de nossos conhecimentos. Nosso argumento racional para nos convencer de que um objeto é belo ainda precisa ser ajustado, para podermos compreender o real sentido da estética.

E falando em conhecimento, Cotrim (2006, p. 287) tem que

Assim, como estudo e teoria do belo, a estética pretende alcançar um tipo específico de conhecimento: aquele que é captado pelos sentidos. Por esse motivo, ela difere e se contrapõe à lógica e à matemática. Essas duas disciplinas partem da razão, e não dos sentidos, para estabelecer um conhecimento que é “claro e distinto”.

O juízo estético de fato depende do indivíduo: pode ser uma coisa boa ou ruim, mas é agradável quando pensamos na maioria das vezes qual efeito a estética produz em nós. No entanto, para o ser humano a beleza é a forma ideal, pela ideia de beleza que ele já traz na alma.

Em algum momento o homem sentiu o efeito agradável de uma arte - uma música ou uma escultura - e não conseguiu explicar o que o encantou, mas quis entender os motivos pelos quais passou admirar, ao longo da sua vida, determinado objeto.

2.2.1 A ESTÉTICA E OS VALORES

Ao falar sobre *Enobrecimento pela degeneração*, Nietzsche (2000, p. 155) nos coloca que

A história ensina que a estirpe que num povo se conserva melhor é aquela em que a maioria dos homens tem um vivo senso da comunidade, em consequência da identidade de seus princípios habituais e indiscutíveis, ou seja, devido a sua crença comum. Ali se reforçam os costumes bons e valorosos, ali se aprende a subordinação do indivíduo e a firmeza de caráter é primeiro dada e depois cultivada.

Segundo Antunes; Estanqueiro; Vidigal (2001, p. 165), valor é “aquilo que é bom, útil, positivo. Algo que deve ser realizado. Em ética, os valores são fundamentos da moral, das normas e regras que prescrevem a conduta correta”.

Russ (1991, p. 304), em definições gerais, afirma que valor, em sentido usual, filosófico, quer dizer “característica de coisas tais que são preferidas, mais ou menos desejadas, julgadas superiores, desejáveis, etc. (ex.: o valor da ciência)”. Ainda nesse sentido, significa “ser desejável, correspondendo a uma aspiração da consciência (ex.: os valores do verdadeiro, belo, bem)”.

Citando definições particulares de alguns filósofos, a autora nos coloca a definição de Nietzsche: “Nossos valores são *interpretações introduzidas por nós nas coisas* [...]. Toda significação não é justamente uma significação *relativa*, uma perspectiva?”

Pode-se interpretar, pela definição de Nietzsche, que, se o belo depende do gosto de cada um, o valor da arte também assim o é. Uma obra de arte de Picasso, em seu período cubista, pode ser bela para uns, que lhe atribuem um grande valor e não bela para outros, que não lhe atribuem valor muito alto.

Como mostrado anteriormente, estética é a crítica do juízo, crítica do gosto. E se valor, para Antunes; Estanqueiro; Vidigal, é o que é bom, útil e positivo, para Russ, é algo desejável por corresponder a uma aspiração da consciência (verdadeiro, belo, bem), e para Nietzsche é uma interpretação introduzida por nós nas coisas, logo, temos aí uma questão filosófica, que vem para desenvolver o pensamento humano e a harmonia entre estética e valores.

O homem, enquanto parte de um sistema, deve orientar sua vida e prática ao que constitui a linguagem da vida e do juízo, procurando momentos para se desenvolver, dentro daquilo que acredita e busca.

Segundo CHAUI, Marilena (1995, p. 339), “toda cultura e cada sociedade institui uma moral, isto é, valores concernentes ao bem e ao mal, ao permitido e ao proibido, e à conduta correta, válidos para todos os membros”.

Também devemos, em outras palavras, adotar as ações éticas, e saber escolher, dentro da nossa realidade, aquilo que, para cada um de nós, é permitido.

A relação estética e valores, parece ser de contraponto. A estética é um saber e sentir. Já a questão dos valores, distingue-se pela *práxis*, ou prática.

Na questão estética, revelamos algumas virtudes; nos valores, demonstramos consciência de cada coisa que acontece, necessariamente, e principalmente, tais como as leis que nos regem.

Não podemos pensar em valor, como algo que deve ou não ser verdadeiro, mas em algo que conscientiza do todo ao meu redor.

Segundo CHAUI, Marilena (1995, p. 316),

A obra de arte dá a ver, a ouvir, a sentir, a pensar, a dizer. Nela e por ela, a realidade se revela como se jamais tivéssemos visto, ouvido, dito, sentido ou pensado. A experiência de nascer de todo dia para a “eterna novidade do mundo”.

Segundo a autora, “em seu sentido mais geral, arte é um conjunto de regras para dirigir uma atividade humana qualquer”.

Platão não distinguia a arte das ciências nem da Filosofia. Aristóteles estabeleceu duas distinções: uma que distinguia ciência-Filosofia de arte ou técnica, sendo a primeira referente ao necessário, que não pode ser diferente do que é e a segunda referente ao possível, que pode ser diferente do que é. Dentro do possível, é feita uma outra distinção: a diferença entre ação e fabricação, *práxis* e *poiesis*. Política e ética são ciências da ação; artes ou técnicas são atividade de fabricação.

Plotino completaria a distinção ao separar teoria e prática e distinguir técnicas ou artes cuja finalidade seria auxiliar a Natureza – medicina, agricultura – daquelas cuja finalidade seria fabricar um objeto com os materiais oferecidos pela

Natureza – artesanato. Também distinguiu um conjunto de artes e técnicas que se relacionam apenas com o homem, para torná-lo melhor ou pior – música e retórica.

Segundo Chaui (1995, p. 317), tais técnicas foram classificadas de acordo com “um padrão determinado pela sociedade antiga e, portanto, pela estrutura social fundada na escravidão, isto é, uma sociedade que despreza o trabalho manual”. Essa classificação perdurou do século II d.C. ao século XV e dividiu as artes em liberais, superiores, que compunham o currículo escolar dos homens livres e servis ou mecânicas, inferiores.

A partir da renascença começou uma luta para que as artes mecânicas fossem valorizadas, afinal, o humanismo renascentista dignificava o corpo humano e essa dignidade se traduzia na “batalha pela dignidade das artes mecânicas para convertê-las à condição de artes liberais”. Assim, as artes mecânicas conseguiram sua primeira dignidade ao serem elevadas à condição de conhecimento, como as artes liberais. No final do século XVII, início do século XVIII, outra dignidade foi alcançada: a distinção entre as artes que têm como fim o que é útil aos homens (medicina, agricultura, culinária, artesanato) e as que tinham como fim o belo (pintura, escultura, arquitetura, poesia, música, teatro, dança). Dessa forma surgiram as belas artes, modo pelo qual a arte é entendida.

Quando a palavra estética foi usada para se referir às artes, ela indicava o “estudo das obras de arte enquanto criações da sensibilidade, tendo como finalidade o belo”. Essa noção foi substituída pela investigação filosófica que tivesse por objeto as artes ou uma arte. “Do lado do artista e da obra, busca-se a realização da beleza; do lado do espectador e receptor, busca-se a reação sob a forma do juízo de gosto, do bom gosto”.

De acordo com a autora, quando a noção de estética foi formulada e desenvolvida, ela partiu dos seguintes pressupostos:

1. Que a arte é produto da sensibilidade, da imaginação e da inspiração do artista e que sua finalidade é a contemplação.
2. Que a contemplação, do lado do artista, é a busca do belo (e não do útil, nem do agradável ou prazeroso) e, do lado do público, é a avaliação ou o julgamento do valor de beleza atingido pela obra.
3. Que o belo é diferente do verdadeiro.

O verdadeiro é conhecido pelo intelecto porque existem demonstrações e provas. “O belo, ao contrário, tem a peculiaridade de possuir um valor universal, embora a obra de arte seja essencialmente particular” (Chauí, p. 321). Isso quer dizer que a obra de arte, sendo única em sua particularidade e singularidade, consegue oferecer a beleza, que é algo universal, não precisando de demonstrações, provas, inferências e conceitos.

O poder da estética na sociedade é forte, uma vez que os valores, hoje, muitas vezes são instáveis. Percebemos que a estética é uma questão de convenções que podem ser quebradas a qualquer momento, quando reconhecemos a beleza a partir do olhar ou de um juízo específico de cada observador.

A estética é, sim, ligada a valores.

Aranha; Martins (1992, p. 105) afirma que “a estética é um ramo da filosofia que se ocupa das questões tradicionalmente ligadas à arte, como belo, o feio, o gosto, os estilos e as teorias da criação e da percepção artísticas”.

As autoras citam cinco exemplos de como afirmações simples podem envolver valores, fazendo um juízo de realidade:

a) esta caneta é azul; b) esta caneta é nova; c) Maria saiu por aquela porta; d) a barraca está cheia de frutas; e) João foi à igreja.

[...] é inevitável fazer *juízos de valor*. a) esta caneta azul não é tão bonita quanto a vermelha; b) a caneta antiga escrevia melhor que esta; c) Maria não deveria ter saído antes de terminar o trabalho; d) as frutas fazem bem à saúde; e) orar reconforta o espírito.

No primeiro caso trata-se avaliação estética, no segundo considera-se o valor de utilidade, no terceiro caso parece ocorrer a transgressão de um valor moral, no quarto há referência ao valor vital e, no último, ao valor religioso.

Há, portanto, o mundo das coisas e o mundo dos valores. Mas não podemos dizer que os valores *são* da mesma maneira que as coisas são. Isto é, não existe o valor em si enquanto coisa, mas o valor é sempre uma *relação* entre o sujeito que valoriza e o objeto valorizado.

Atribuir valor a uma coisa é não ficar indiferente a ela. Portanto, a *não-indiferença* é a principal característica do valor.

Ao falar sobre a origem dos valores, Aranha; Martins (p. 106) coloca que “se os valores não são coisas, pois resultam da experiência vivida pelo homem ao se

relacionar com o mundo e os outros homens, talvez pudéssemos concluir que tais experiências variam conforme o povo e a época”.

O que, para uma sociedade, é perfeitamente normal, pode chocar outra. O ato de comer um bife, tão comum a nós, pode chocar um hindu, para quem a vaca é um animal sagrado. Algumas tribos acham indispensável matar velhos e crianças que nasçam com algum defeito, o que para nós é uma crueldade. Na Idade Média era permitida a tortura de seres vivos, porém não a dissecação de cadáveres.

Partindo dessa afirmação de Aranha; Martins, é possível afirmar que a experiência com os valores e com a própria estética é construída para confrontar o que está constituído e levantar discussões a respeito.

3. CAPÍTULO II

A ESTÉTICA, O AMOR E A SABEDORIA

A estética já foi amplamente conceituada, então aqui será colocada a definição do Dicionário Breve de Filosofia, de Antunes; Estanqueiro; Vidigal (p. 67), que a conceituam como “Estudo sistemático do belo, da experiência estética e das diferentes formas de arte”.

Em seu Dicionário de Filosofia, Russ (1991, p. 10,) define amor, em linhas gerais, como “afeição, vivo desejo”. Em Filosofia-psicologia, a definição é “inclinação (passional) na direção de uma pessoa ou mesmo de um objeto considerados ‘bons’”. E em sua definição moral, amor é “tendência oposta ao egoísmo, desinteressada, que versa geralmente sobre um valor. Ex.: amor pela justiça”.

E Antunes; Estanqueiro; Vidigal (p. 150) conceituam sabedoria como “conhecimento; ciência”. E também “na tradição filosófica, significa não só conhecimento verdadeiro, mas também a virtude, o saber prático”.

Com a obra *Crítica do Juízo*, Kant deu um novo impulso ao estudo da estética, que passou a ser uma crítica do gosto, o juízo do gosto, não sendo juízo do conhecimento, não sendo lógico, mas estético, cujo princípio determinante somente pode ser subjetivo. Assim, se o belo depende do gosto de cada indivíduo, é possível afirmar que, com os olhos, ele vê uma pessoa, um objeto ou uma obra de arte, com o coração ele a sente e, em sua sabedoria, ou seja, pelo seu conhecimento, define para si mesmo se o que vê é belo ou não.

Por mais estável que seja a sociedade, sempre há mudança das relações entre as pessoas e grupos, na luta pela subsistência. Então, certas regras valem em determinadas circunstâncias e deixam de valer quando ocorrem alterações nas relações humanas. (ARANHA; MARTINS, 1992, p. 2000)

As atitudes consequentes da estética, do amor e da sabedoria, são as que mais fascinam o homem, mas nunca sua profundidade. E justamente quando falamos de estética, amor e sabedoria, permitimos o que não podemos enxergar, nem tão pouco entender: sua profundidade excepcional.

O homem “pessoa” modifica a cada minuto a realidade preservada em nome do que acredita. Segundo Aranha; Martins, a todo momento, inventa-se uma forma

de viver diferente de tudo que pensamos conhecer do mesmo. Somos um momento, ou um espaço pensado e desconhecido, pois a tendência humana para a estética, para o amor e para a sabedoria, é quase espacial, o presente no futuro.

A percepção nos oferece acesso às alterações nas relações humanas, citadas por Aranha; Martins, mas estamos sujeitos o tempo todo à ilusão e tradição, anda que o sensível seja apenas o significado de tudo. Quando falamos de estética, pensamos na beleza, quando falamos do amor, pensamos em alguém e quando falamos de sabedoria, pensamos que podemos melhorar o cotidiano dos desejos.

A arte é absolutamente autônoma: não está sujeita nem à filosofia, nem à moral, nem à prática. A arte como arte é amoral, isto é, aquém do bem e do mal. A arte, para ter caráter de arte, para ser verdadeira arte, deve ser verdadeira expressão. CROCE (1993, p. 49)

A arte ou estética é uma expressão vital ao homem, logo, o ser humano precisa estar criando o tempo todo, nisso reside a estética à qual Croce se refere. O autor quis identificar a estética e a arte como significado para traduzir a essência humana e sensível do ser humano, trazendo significação à estética e proximidade ao sensível. É fato que as conexões entre estética e arte têm como recurso as diversas práticas, porém, as conexões entre estética, amor e sabedoria, se desenvolvem além do que buscamos conhecer dentro do campo da arte.

Segundo Aranha; Martins (2009, p. 402),

Embora a arte faça parte do mundo humano desde a Pré-história e tenha ocupado lugar de grande importância em todas as civilizações, a palavra estética só foi introduzida no vocabulário filosófico em 1750 pelo filósofo alemão Alexander Baumgarten.

O fato de a arte vir a partir da pré-história não á deixou menos prazerosa, nem menos importante entre os indivíduos e na sociedade, pois a estética se enquadra na filosofia, e a filosofia estuda os valores propostos nas obras de arte e o sentimento que as mesmas suscitam nos seres humanos.

O conceito de estética é a faculdade de sentir, a compreensão pelos sentidos, A percepção totalizante do belo e do feio é uma questão de gosto, tem suas exigências; então, quando falamos de estética, amor e sabedoria, temos aí a

sensação de dividir a racionalidade em amor, sentimento e lógica. À medida em que a estética é observada do mesmo ângulo da sabedoria e do amor, passamos a designar julgamentos de beleza.

Quando fazemos a junção de amor, estética e sabedoria ampliamos além dos julgamentos e passamos a avaliar as qualidades do objeto. Os conceitos de amor, sabedoria e estética, unidos, caracterizam um estilo, que forma um conjunto restrito na estética.

Segundo Aranha; Martins (2008, p. 308),

No momento em que a arte rompe com a ideia de ser cópia do real para ser considerada criação autônoma que tem a função de revelar as possibilidades do real, ela passa a ser avaliada de acordo com a autenticidade da sua proposta e sua capacidade de falar ao sentimento.

Por isso a sabedoria caminha lado a lado com a estética e com o amor. Da imanência do sentido ao limite do sensível, à autenticidade e à singularidade de cada objeto em seu significado profundo, a estética está presente. No momento em que a estética rompe com a ideia de algo a ser considerado e respeitado, a sabedoria vem com a função de revelar o sentimento do amor. Quando tratamos a sabedoria como fonte de percepção para deslocar o belo dentro do assunto estética, vemos a perfeita resposta da beleza.

Aranha; Martins (2009, p. 402) argumentam que

Todos os julgamentos de beleza, portanto, são verdadeiros, e todos os gostos são igualmente válidos. Aquilo que depende do gosto e da opinião pessoal não pode ser discutido racionalmente.

Portanto o belo, segundo as autoras, não está mais no objeto, e sim, nas condições de recepção do sujeito. Logo, as concepções estéticas estão na unidade e não no todo. Por isso quando são unidos os pontos que formam a estética - o amor e a sabedoria - enquadramos o conceito de estética na filosofia, pois estudamos racionalmente o que introduz a beleza no belo, que pode também ser chamado de gosto pessoal. As coisas belas nos proporcionam admiração e provocam em nós o assombro, logo a visão original e penetrante, se torna audaciosa

pela revelação do belo. Considerando tudo o que a estética é, não restam dúvidas de que existe um sentimento produzido pela beleza.

Quando julgamos o gosto de alguém, esquecemos que a preferência alheia não depende de uma discussão ou de designar julgamentos de beleza, mas depende de respeitar a constatação do belo, admirando racionalmente o outro. Assim, o belo pode estar presente no gesto simples, não. Fica, porém, a dúvida se é possível da beleza a forma mais adequada para entender sua utilidade.

Mondin (1982, p. 213) nos coloca que

O princípio do juízo estético, portanto, é o sentimento do sujeito, e não o conceito do objeto, entretanto, esse sentimento é despertado pela presença do objeto. Embora seja um sentimento, portanto, subjetivo, individual, há a possibilidade de universalização desse juízo, pois as condições subjetivas da faculdade de julgar são as mesmas em cada ser humano.

Portanto, é uma qualidade que atribuímos aos objetos que passam a ser expressões dos nossos sentimentos, a despertar nosso amor, a objetivar nossa sabedoria. Uma vez que não há regras para que algo seja belo, pois o juízo estético é subjetivo, variando de pessoa para pessoa, não há modelos de beleza. Podem haver regras para se reproduzir algo belo, mas nunca para determinar exemplares de beleza. Poderíamos falar da beleza do gesto, mas isso seria entrar em um mundo estético menos possível, pois a beleza do gesto é uma espécie de valor gratuito, de simpatia inspirativa, baseada na necessidade de amar o belo pelo que ele permite ao admirador.

Quando se reflete sobre as várias faces da estética e os diversos aspectos em que ela pode se apresentar, começa-se uma exigência singular à percepção da beleza, despertando a imanência total do sentido. Sendo assim, o objeto é belo porque sua finalidade é ser belo, e verdadeiramente esse é seu modo de ser.

Temos que admitir que a existência do belo em si independe dos julgamentos individuais, pois a medida da estética está em ser universal na presença ou na ausência do prazer, e por isso não é mais uma questão de opinião, mas a validade daquilo que se julga belo.

A experiência da estética em cada ser humano é algo intrasferível, porém o conceito de gosto não deve ser encarado como uma experiência arbitrária e

imperiosa. Quando entendemos o gosto, o julgamento estético decide em virtude do “eu sou e gosto”.

Gallo (2014, p. 258) aponta que

A subjetividade em relação ao objeto estético precisa estar mais interessada em conhecer, entregando-se às particularidades de cada objeto, do que em preferir. Nesse sentido, ter gosto é ter capacidade de julgamento sem preconceitos. É a própria presença da obra de arte que forma o gosto: torna-nos disponíveis, supera as particularidades, converte o particular em universal.

Então, temos aqui segundo Gallo, um profundo despojar-se de si mesmo, para apreciar o outro, sem a intenção ou desejo de impor nossa vontade, diria que é algo quase mágico, o apreciar envolve alma, e entrega, para poder perceber o outro no total de sua própria beleza. Estética envolve arte e, também comportamento, somos envolvidos pela natureza sensível quando o belo, nos assombra.

Por exemplo, o interesse pelo belo deve ser guiado pelo fato de estarmos apreciando, sem a menor necessidade de apreciar. O interesse pelo belo deve ser racional, inusitado, sem tentar roubar nada, nem uma cena do que pertence ao que significa o apreciar no momento. “A experiência estética é a experiência da presença”. (ARANHA; MARTINS, 2010, p. 404).

Temos uma afirmativa que diz que a beleza pode estar separada da utilidade, mas nunca da prática à qual ela realmente pertence, ou seja, nenhum argumento irracional ou conjunto de regras poderá convencer de que algo realmente belo pode ser apreciado sem estar presente, no mesmo local, o seu admirador. Uma concepção contrária à da arte é a imitação do objeto, a concepção do belo; é como somos envolvidos pela matéria sensível.

A sabedoria e o amor à estética, estabelecem seu mundo de regras, sem se opor aos julgamentos externos, pois o sentimento que impulsiona é solitário, mas também acolhedor. “Apreciar as qualidades estéticas de uma obra de arte é bem diferente de notar suas propriedades físicas: tipo, tamanho, peso, material, e de que é feito” (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 404)

Segundo as autoras, a experiência estética, ou a experiência com o belo, costuma ser completa, envolvendo sabedoria e amor, porém essa experiência deve ser gratuita e desinteressada, porque não visa ao interesse prático, mas sim ao

sentido de entender tamanha admiração, provocando o assombro dentro do homem, para compreender um pouco mais sobre o saber filosófico e o significado que destina saber as razões da arte na realidade.

Assim como a sabedoria, o amor não é apenas um abstrato, mas está endereçado à globalidade da vida, permitindo inserir a filosofia em cada coisa que isoladamente forma partes do homem e da sua história.

3.1 O SENTIDO DE ESTÉTICA EM SALA DE AULA

Jimenez (1999, p. 244) afirma que Nietzsche considerava a nossa educação “um logro, não somente no plano individual, mas no plano da cultura histórica”. O autor diz também que o homem “está assim pronto a reunir-se à multidão indiferenciada dos indivíduos submetidos à moral, à religião, às mistificações ideológicas, submetidos a estas tutelas que são o Estado, a Igreja, ou [...] à Ciência e a Moral”.

Segundo o autor, “para Nietzsche, o início deste processo remonta a Sócrates e a Platão, a uma época em que o desenvolvimento do espírito e da cultura já era sentido como uma ameaça para o Estado”.

Em sua obra *Humano, demasiado humano*, Nietzsche (2000, p. 256-257) fala sobre a *evolução do espírito, temida pelo Estado*, e seu texto não foi suave para com o autor de *A República*:

A pólis grega era excludente, como todo poder político organizador, e desconfiava do crescimento da cultura entre seus cidadãos; em relação a esta, seu poderoso instinto básico se mostrou quase que estritamente paralisante e inibidor. Não queria admitir história ou devir na cultura; a educação fixada na lei do Estado deveria ser imposta a todas as gerações e mantê-las num só nível. Mais tarde, Platão quis a mesma coisa para o seu Estado ideal. Portanto, a cultura se desenvolveu *apesar* da pólis: é certo que ela ajudou indiretamente e contra a vontade, porque a ambição do indivíduo era estimulada ao máximo na pólis, de maneira que, tento tomado a via da formação do espírito, ele continuava nela até o fim. Não se deve invocar, argumentando contra isso, o panegírico de Péricles: pois este é apenas uma fantasia grande e otimista acerca do nexos supostamente necessário entre a pólis e a cultura ateniense; Tucídides faz com que, logo antes de a noite cair sobre Atenas (a peste e a ruptura da tradição), ela

brilhe ainda uma vez, como um crepúsculo transfigurador que nos leva a esquecer o dia ruim que o precedeu.

Nietzsche também afirma (2000, p. 156) que “No caso do indivíduo, a tarefa da educação é a seguinte: torná-lo tão firme e seguro que, como um todo, ele já não possa ser desviado de sua rota”.

“O que é a estética em si mesma, e que razões devem ser consideradas para que algo seja realmente estético?” (MONDIN, 2000, p. 140)

Na obra “O que é estética?”, já no prefácio, Jimenez (p. 9) mostra preocupação com o ensino da estética e das artes ao perguntar: “Como compreender, por exemplo, que a sociedade moderna, colocada sob o signo da civilização da imagem, conceda tão pouco espaço ao ensino das artes plásticas?”. Ou ao refletir (p. 10) que “... os professores das disciplinas artísticas sabem muito bem que se beneficiam de um *status* particular, incapaz de rivalizar com o de seus colegas da matemática, das letras e da linguística”. Ou ainda, ao afirmar que “excetuando certos filões específicos, que lugar ocupa o ensino musical na escola secundária?”. E termina falando sobre a estética: “E, enfim, que dizer do ensino da estética, disciplina que consta do programa de filosofia do último ano do segundo grau, mas cujo estudo é frequentemente relegado para o final do ano escolar, ‘caso houver tempo!’”.

O problema estético em sala de aula e sua relação com os alunos decorre muito da realidade que cada um traz consigo e de como a atividade estética é tratada nas atividades humanas.

Segundo Mondin, a estética em si mesma traz aspectos capitais, humanos e culturais, e esses aspectos devem ser considerados e respeitados pela criança ou adolescente, não como algo banal, mas como uma razão para entender o estético. Nessa busca pela compreensão da estética, faz-se necessário centralizar o que é importante e despertar o interesse do aluno a cada pergunta feita em sala de aula. O que é estético em uma aula de artes? O que é belo na realidade? Como identificar o questionamento que inquieta o saber? Somos adeptos do belo, da arte e da beleza desde sempre; a estética simplesmente foi feita para o homem.

Os professores devem construir esteticamente a teoria do belo, educando os alunos para o natural, apresentando o sentido do sensível, além daquilo que vemos,

deixando sempre amostras das variantes do belo. “O objeto da imitação é a beleza”. (MONDIN, 2000, p. 155)

O sentido da arte depende da moral que manifestamos pela mesma, a paixão ou o assombro, a emoção que temos na representação da beleza. Levar o aluno a compreender a ideia estética significa transformar o preexistente no mundo racional. A realidade que temos hoje, e que nada tem a oferecer de sensível, busca o diálogo com os alunos sobre o mundo da estética, o mundo sensível do conhecimento reflexivo.

Quanto mais ampla a convivência em sala de aula com o que chamamos de estética, melhor será a sensibilidade e a sutileza para nossos alunos perceberem a beleza e suas veredas. Somos os primeiros a pensar em estética como beleza, sem dar contribuição para esse pensamento, que poderia transformar o construir em um sentido diante do belo e na correspondência com os elementos da arte. Isso talvez nos leve a entender o uso comum da palavra estética. A expressão abrange muitas coisas que, se pensarmos, nada têm a ver com estética, mas sim com modismo.

O subtítulo estética em sala de aula se interliga com a questão do uso da palavra. Tem o sentido de qualidade e ponto de vista, doutrinado pela mídia, pelo modismo e não o sentido real da palavra, que tem a ver com a razão e a sensibilidade profunda do ser.

Por tudo isso, fica claro que o cuidado do educador deve ser no sentido de ajudar a acolher e a compreender o que é abstrato e o que realmente importa no mundo do sensível. Temos várias funções: pragmática ou utilitária, naturalista, formalista e de todas temos apenas um ponto de vista. Juntando as funções da arte, conseguimos uma finalidade que se sobrepõe às outras funções. A estética é capaz de sustentar a verdadeira contemplação e a sensibilidade do ser.

4. CAPÍTULO III

CONHECENDO O HOMEM ATRAVÉS DO BELO

A Estética, às vezes chamada de Filosofia da arte, tem questões que “dizem respeito à natureza da arte, à natureza do belo - objeto da arte -, à divisão das belas-artes, às regras da arte, às relações da arte com a moral” (JOLIVET, 1982, p. 337).

“A mente dos homens antigos, incapaz de usar a razão lógica e rebelde à fadiga da abstração e do raciocínio, é levada naturalmente a substituir ou a antecipar o processo abstrativo por meio da fantasia”. (MONDIN, 2000, p. 155)

Sabe-se que o princípio do juízo estético é o sentimento do sujeito e não o conceito de objeto. Sendo assim, o belo pode ser apenas um momento, ou pode perdurar na arte, sem romper com a realidade.

O julgamento estético decide o que é belo e sensível, porque está na subjetividade, e o sujeito tem o olhar livre sobre o objeto. Então, o problema do belo e do feio é simplesmente o olhar do sujeito; se retiramos o sujeito da presença do objeto, este passa a ser nada diante da humanidade, pois o belo, sem ter quem o admire, deixa de ser obra e deixa de ser belo.

O belo no homem está na comunicação e nos julgamentos estabelecidos pelo próprio homem; o belo para o homem e no homem, se faz quando a função estética é pensada com sensibilidade e conhecimento. Porém, sem função estética racional, o belo é só um ponto de vista.

Racionalmente, o belo desperta sentimentos no homem, pois torna possível a experiência do gosto, inteligível, que produz a reconciliação do sensível com o racional. Mas um objeto (que é belo) pode não provocar a emoção e tampouco a admiração. Logo, temos aí a necessária razão de ideia. Quando se tem algo, um objeto que não desperta no homem o assombro, aquele passa a ser apenas arte, sem significação estética.

“Em compensação, mesmo uma paisagem terrificante, abismo, rachas, rochedos montanhosos sem forma, amontoados de forma caótica, mar furioso, podem parecer sublimes.” (JIMENEZ, p. 230)

Onde iremos buscar o sensível e o discurso da intuição artística? Se a obra precisa ser sentida, então a estética deve ao menos permitir a interpretação da

imaginação. Quando não temos nada de estético e nem de belo, temos apenas o agressivo. Mas o agressivo também pode ser belo, como por exemplo, uma explosão vulcânica: ela aterroriza por ser agressiva, mas a lava ardente pode ser algo extraordinariamente belo para algumas pessoas.

A estética pede aquilo que agrada aos olhos, a forma organizada da aparência. Diante do agressivo, é possível perceber a estética, ou sua ausência, sempre que a natureza ou a ciência experimentada nos trouxer o extremo.

Como um cavalo selvagem que cavalga nos campos, e por nada se deixa ser domado. O belo ali contido é assombroso, move-nos de um jeito irônico, o sensível, sem ponto de vista, porque a imagem vista é de sentimento que envolve a emoção. Portanto, a representação do belo são experiências vividas ou já presenciadas.

E através do que nos permitimos, podemos aprender a sentir a perfeita comunhão entre o homem e o objeto. Seria a emoção a resposta perfeita para lidarmos com o belo? Ou a alegria expressa pelo riso ao que nos agrada? Quando o sentimento ameaça a resposta, como continuar a empatia, ou seja, sentir como se tivéssemos a função de gostar do que não nos agrada, nem sequer na aparência? Onde está o estético em ter de concordar com aparências desagradáveis, só para seguir um modismo? Se o intrigante é o próprio estético, e o indiferente é também estético, sempre teremos de ver o belo como perfeito?

A arte serve ao belo e à estética para ensinar o pensamento a organizar a composição da experiência artística. O homem, em um contexto especial, traz atribuição e divisão à estética. Ninguém consegue entender nem transpor a beleza, nem copiar o belo em si mesmo. O possível no mundo da beleza é composto pelo homem. A admiração e respeito, conhecimento e dedicação na estética, são atributos para o belo e para o homem porque têm a qualidade de experiência e razão. A teoria do belo e do feio trata da movimentação e da aparência de uma obra de arte. A estética é sempre para o belo. Nós não vemos onde a estética está; mas onde o belo permanece, então, a estética se faz presente.

4.1 A MOTIVAÇÃO PELA BUSCA DO BELO

Santo Tomás de Aquino define o belo como *id quod visum placet* (o que agrada ver). A avaliação do todo é que nos dirá a variedade, o esplendor e a beleza daquilo que vemos.

A motivação pela busca do belo consiste na busca por prazer. O belo é algo complexo de se avaliar, que pode nos colocar em estado de bem estar e satisfação. Prova disso é quando entramos em lugares com obras de arte; elas podem não dizer nada a muitos, mas pode ser sublime para alguém, cujos olhos se alegram ou o ouvido coloca os sentidos em vibração. Para este alguém, o mundo da beleza satisfaz somente uma condição: a de ser belo.

Segundo ECO, Umberto (2000, p. 31),

Ao belo supra-substancial chama-se beleza por causa da beleza que, vinda de si, se estende a todos os seres, segundo a medida de cada um: a mesma que, como causa da harmonia e do esplendor de todas as coisas, projeta sobre tudo, à maneira de luz, as efusões cujos raios que irrompem tudo tornam belo, e chama a si todas as coisas – por isso, justamente, se chamam beleza - e reúne em si mesmo tudo em tudo”.

O belo envolve arte e também comportamento. A natureza sensível do homem é envolvida pela arte, que provoca admiração, espanto, assombro; contudo a emoção não nos ajuda a discernir a fragilidade da beleza finita. Tome-se como exemplo a beleza do gesto: uma pessoa faz uma gentileza a outra (aqui está a beleza do gesto, que provoca admiração), em um gesto desinteressado, mas a pessoa que recebeu a gentileza se sente grata à outra; esta gratidão pode durar pelo resto da vida.

David Hume relativizou o padrão do gosto dizendo que aquilo que depende do gosto e da opinião de cada um não pode ser discutido. Temos aí um critério para o gosto. Já Kant afirma que o belo é “aquilo que agrada universalmente.” Logo, sabemos que o princípio do juízo estético é o sentimento do sujeito e não o conceito do objeto. Sendo assim, não há a ideia de belo, nem pode haver regras para senti-lo ou contemplá-lo.

Tem-se definido estética como a área da filosofia que estuda racionalmente o belo e o sentimento que este desperta nos humanos, porém a subjetividade do

belo objetiva a questão do gosto. Seria inteligível a conciliação do sensível e do racional, mas a presença de um objeto que é belo pode não provocar a emoção e tampouco a admiração em todos que o veem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo descobrir como abordar e aprofundar o tema 'estética em sala de aula'.

Conclui-se, após consultar vários autores, tanto de educação quanto de Filosofia, que definir o real no mundo das belas formas, e separar o belo do homem é quase impossível. Na representação da arte, o mundo vive esteticamente, mas entender a estética é muito mais que um gosto pessoal, é preciso saber tratar a beleza e o homem, como únicos.

Levar isso à sala de aula é algo delicado. Como as pessoas já chegam com uma bagagem trazida do seu ambiente familiar, não é fácil fazê-las acreditar que algo belo para alguns pode não ser belo para todos. Até porque o belo depende do gosto de cada um.

Em um vídeo de livre acesso a todos os que têm internet, mostra-se um experimento: crianças negras, muito pequenas, devendo escolher, entre bonecas loiras e bonecas negras, as que consideravam mais bonitas. Chocantemente, as crianças escolhiam as bonecas loiras, num claro preconceito contra a própria beleza negra.

Se as crianças já vêm com essa mentalidade de suas casas, não será fácil para os professores ensinarem o sentido do belo. Mas também não é impossível.

Deve-se, antes de tudo, resgatar o amor próprio de cada um, o orgulho por serem quem são e como são. A partir daí, então, será possível ensinar a estética em sala de aula, pois o belo parte do sujeito.

A disciplina Filosofia é ensinada durante o ensino médio, quando o caráter dos alunos já está praticamente formado. Mas eles ainda não estão maduros o suficiente e podem mudar suas opiniões. Casos de *bullying* ocorrem por preconceitos raciais ou "estéticos": a menina negra que é xingada, o menino obeso que é espancado. Os professores devem, antes de ensinar estética, ensinar valores. Ensinar que cada ser humano é belo, principalmente, por ser isso: humano. Quando entenderem isso, conseguirão entender a estética. Os valores não devem ser ensinados apenas pelos professores de Arte, de Psicologia ou de Filosofia, mas por todos os professores: quanto mais reforçada a noção de valor, melhor fixada no caráter do aluno.

Achar belas obras como “A negra”, de Tarsila do Amaral, “Guernica”, de Pablo Picasso, a “Madona Sistina” de Rafael ou as obras de Botero será muito mais fácil se os alunos tiverem consciência de que o belo está no prazer visto pelos olhos, mas sentido com o coração.

Ouvir um *funk* carioca, a “Nona Sinfonia” de Beethoven, um *rock* do Metallica ou uma música pop da Shakira, por exemplo, dará prazer, mesmo que seja em intensidades diferentes, pois é tudo uma questão de gosto.

Mesmo assim, os alunos entenderão que são todas obras de arte, que todas podem tocá-los, ainda que de maneiras diferentes, pois tudo o que é estético depende do gosto de cada um.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Alberto; ESTANQUEIRO, Antônio; VIDIGAL, Mário. **Dicionário breve de filosofia**: vocábulos, correntes, autores. São Paulo: Editorial Presença.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: Introdução à Filosofia. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2009.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de filosofia**. São Paulo: Moderna, 1992.

BARILLI, Renato. **Curso de Estética**. Lisboa: Estampa, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

COTRIM, Gilberto; PARISI, Mário. **Fundamentos da Educação**: História e Filosofia da Educação. 15 ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1993.

ECO, Humberto. **Arte e beleza na estética medieval**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FLORIDO, Janice. **Sto. Tomás de Aquino**: vida e obra. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

GALLO, Silvio. **Filosofia a experiência do pensamento**: volume I. São Paulo: Scipione, 2014.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 1999.

JOLIVET, Régis. **Curso de Filosofia**. Tradução de Eduardo Prado de Mendonça. 14 ed. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1982.

MONDIN, Battista, 2000

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**: Um Livro para Espíritos Livres. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ROSENFELD, Kathrin H. **Estética**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

RUSS, Jaqueline. **Dicionário da Filosofia**: os conceitos, os filósofos, 1850 citações. São Paulo: Editora Scipione, 1994.